

Entre doutrinas e costumes: definindo normatizações e sociabilidades dos fieis da Assembléia de Deus

Igor José Trabuco da Silva¹

Introdução

O pentecostalismo é um fenômeno religioso no Brasil. A sua expansão no território nacional, capacidade de conversão de fieis, impor hábitos, de representação de mundo, de vestir e se comportar é um dos seus traços mais característicos. Pertencem ao pentecostalismo uma série de denominações², entre as quais se destacam a Assembléia de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Deus é Amor uma das mais representativas. Multiplicação esta que demonstra tanto a capacidade de crescimento, quanto de fragmentação. Ao mesmo tempo em que conseguia ampliar sua membresia, novos grupos pentecostais surgiam em razão de cisões internas.

Presente no Brasil desde o início do século XX, com a Congregação Cristã do Brasil, em 1910, e a Assembléia de Deus, em 1911, interferiram progressivamente na religiosidade brasileira, como na sociedade, disputando o campo religioso brasileiro com a religião majoritária, a Igreja Católica, como também com suas concorrentes do campo protestante, a citar os batistas históricos e presbiterianos.

O pentecostalismo teve sua formação “clássica” no início do século XX, a partir da pregação de Seymour, um negro nascido escravo, em 1906. Esta

¹ Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor de História do Brasil da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). igortrabuco@hotmail.com

² Ao se referir ao protestantismo e ao pentecostalismo três conceitos são utilizados: o de seita para grupos iniciantes frutos de cisões internas, o de denominação para os que buscam a institucionalização e o de igreja para os já institucionalizados. Utilizaremos o conceito de denominação largamente utilizado por sociólogos e historiadores e o de igreja, que é como os membros da Assembléia de Deus se reconhecem a partir das leituras dos seus livros de atas.

origem é privilegiada por diversos estudiosos em relação a outros avivamentos, ocorridos anteriormente. Emílio Conde menciona outros, como os ocorridos na Inglaterra, em 1740, Suécia, em 1858. Sem contar na América do Norte, como Nova Inglaterra em 1854, Moorehead, em 1892, Galena e Kansas, em 1903, Orchard, em 1904, e Houston em 1905³.

Um dos aspectos para valorizar a pregação na rua Azuza, na Los Angeles de 1906, foi por o pentecostalismo ter se destacado com minorias, a citar a presença de lideranças negras, como o próprio Seymour, e de mulheres⁴.

Ao analisar a formação e expansão pentecostal no Brasil podemos chegar a essas conclusões também. O número de negros, sobretudo de mulheres é bastante amplo. Seu crescimento atraiu brancos, mas teve presença marcadamente negra⁵. A Assembléia de Deus, em sua implantação no Brasil, se destacou como a “Igreja dos pobres” por atender uma clientela formada majoritariamente por pessoas com condições econômicas em desvantagem, vivendo nas periferias e áreas com pouca ou sem assistência social⁶.

Um dos aspectos do fenômeno pentecostal é seu forte conteúdo emotivo. Seus ritos eram acompanhados de visões, profecias e falar em línguas, a glossolalia. Acompanhado de intensa oração e manifestação de fé, relacionava-se ao movimento “holiness”. Em seu contexto histórico, e principal de formação, início do século XX, vivenciava um momento de insegurança, onda de desemprego e crises sociais, ao que Hobsbawm atribuiu o título de “era dos extremos”. Essa foi uma das razões do pentecostalismo ser permeado de um forte sentimento religioso e

³ CONDE, Emílio. História das Assembléia de Deus no Brasil. RJ. CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus). 2 ed. 2000, p. 21.

⁴ FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993, p. 67.

⁵ Essa discussão é tema do livro de Marco Oliveira. OLIVEIRA, Marco Davi de. A religião mais negra do Brasil: por que mais de oito milhões de negros são pentecostais. São Paulo. Mundo Cristão. 2004.

⁶ Sobre isto ver: NOVAES, Regina Reyes. Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania. RJ. Ed Marco Zero. 1985; CORTEN, André. Os Pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro. Vozes. 1996; FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993 e ALENCAR, Gedeon. Assembléia de Deus – origem, implantação e militância (1911 – 1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

(re)apropriação de práticas mágicas, ao que Weber denomina de reencantamento de mundo.

O presente artigo visa analisar as doutrinas e costumes da Assembléia de Deus e suas práticas de sociabilidade através das atividades desenvolvidas e permitidas pelo grupo, bem como sua resistente atuação política, tomando como base o contexto de Feira de Santana durante as décadas de 1970 e 1980.

Para tanto utilizaremos como fonte principal as atas da denominação. As atas possibilitam compreender a dinâmica do grupo, como aspectos ligados aos costumes e doutrinas, disciplinarizações e ações políticas.

A Assembléia de Deus e seu conjunto normativo

Dentre os primeiros grupos pentecostais a se formar no Brasil se destaca a Assembléia de Deus. Sua chegada ocorreu com os missionários suecos, de tradição batista, Daniel Berg e Gunnar Vingren, que haviam migrado para os Estados Unidos e participado da formação pentecostal nesse país. Os missionários chegaram em Belém do Pará e com o cisma provocado no grupo batista formaram a Missão de Fé Apostólica. A mudança de nome para Assembleia de Deus, de forma definitiva, pois pareciam utilizar ambos os nomes, foi por volta de 1917. A partir daí a denominação se espalhou pelo território brasileiro, com destaque para o nordeste formando um ethos sueco nordestino.

Esse pentecostalismo, atualmente nominado “clássico”, foi trazido por imigrantes pobres, sendo, portanto, marginal no sentido de sua posição frente às instituições estabelecidas e aceitas, e marginal por ser uma religião de pobres e negros. Aqui no Brasil, esse pentecostalismo cresce entre imigrantes nordestinos e alcança todo o país sempre de forma periférica.⁷

⁷ ALENCAR, Gedeon. Assembléia de Deus – origem, implantação e militância (1911 – 1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 20.

A Assembléia de Deus tem rápido crescimento pelo país ocupando, sobretudo, o nordeste em suas primeiras décadas, em uma expansão que, conforme Alencar, foi aleatória:

A AD, iniciada em 1911 no Pará, chegou em 1914 ao Ceará, em 1915 a Alagoas, em 1916 a Pernambuco e Amapá e, em 1924, alcançou o Rio Grande do Sul. Nos seus primeiros vinte anos, alcançou todo o país. A disseminação da igreja foi desordenada, aleatória e acidental, mas persistente. Como ela não contou com um órgão administrativo/ estratégico para elaborar um plano de ação e sua liderança no primeiro momento não parece ter consciência do que estava acontecendo, ela foi se alastrando e crescendo de qualquer modo. Isto não é necessariamente um fenômeno inédito, pois todos os movimentos sociais, notadamente religiosos carismáticos, têm inicialmente um crescimento explosivo e no decorrer da caminhada vão sofrendo um processo de acomodação.⁸

Sem discutir o caráter de organização ou desorganização, é fato que a expansão assembleiana foi eficiente, a ponto de se desvincular com sua estrutura sueca, alcançando um nível de autonomia em seu desenvolvimento e expansão, mesmo passando a ser devedora da influência norte americana.

Sua presença na Bahia foi no final da década de 1920, início de 1930. A Assembléia de Deus chegou, primeiro, na cidade de Canavieiras, depois passando para Salvador e Feira de Santana, cidade na qual as pregações podem ser remontadas ao ano de 1936, com a figura de José Carlos Guimarães, um negociante de animais que aproveitava para exercer a evangelização.

No mês de janeiro de 1937, o Pastor Firmino Lima, juntamente ao irmão José dirigem um culto na Praça dos Remédios e o culto inaugural foi dirigido no mesmo dia... Naquele tempo, segundo o irmão José Carlos Guimarães, não havia nenhuma Denominação Evangélica, sendo a Assembléia de Deus a pioneira. O irmão Firmino Lima não participou do culto inaugural, pois necessitou regressar. Assim estava lançada a primeira semente pentecostal nas terras de Feira de Santana⁹. A construção do primeiro templo foi em

⁸ ALENCAR, Gedeon. Assembléia de Deus – origem, implantação e militância (1911 – 1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 70.

⁹ FERNANDES, Rogério Armentano. 65 anos: jubileu de ferro. Resumo do Histórico da ADEFS (1938 – 2003). Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Feira de Santana – Ba. 2003, p. 4. O

1938, por doação da “irmã” Amália Nascimento. Desse período até seu Jubileu de Ouro, comemoração dos 50 anos, a denominação cresceu, alcançando a marca de quase dez mil membros, em 1988, e fisicamente, possuindo 11 sub-campos: Antônio Cardoso, Bonfim de Feira, Humildes, Jaguará, Jaíba, Lagoa da Caiçara, Matinha, Ouriçangas, Ponto de Serra Preta, Santanópolis e São José¹⁰.

A presença assembleiana não deixou de gerar conflitos, inclusive com a corrente protestante da qual derivou. A batista Isobel Gillanders, em suas memórias, comentou o crescimento protestante em Feira de Santana a partir da vinda de presbiterianos, batistas e congregacionais na cidade. Grupos que reconheceu como tipicamente protestantes, mantendo, portanto, bons relacionamentos com os mesmos. Diferentemente das relações com os pentecostais que chegavam à cidade e entraram em disputa por fiéis. Não admitia certas práticas pentecostais, como o “falar em línguas estranhas”. Pentecostais assembleianos eram vistos pelos missionários neozelandeses de forma negativa:

Nosso pastor não tinha o Espírito Santo nem também falava línguas. Tendo sido enganados pelos pentecostais, que imediatamente os batizaram. Naquela ocasião 22 membros professaram sua fé. Estas notícias foram uma verdadeira decepção para nós e tristeza para os nossos corações. Tais experiências dentro de grupos cristãos são muitas vezes mais difíceis de aceitar do que a perseguição dos de fora¹¹.

Apesar de reconhecer os pentecostais como grupo cristão, não davam a eles os mesmos créditos que davam aos demais protestantes históricos. A memorialista critica aspectos mágicos e proféticos utilizados pelos assembleianos, que é o grupo pentecostal ao qual se refere, a primeira

memorialista Presbítero Rogério Armentano Fernandes não comentou a presença da Igreja Fundamentalista, de iniciativa do casal Gillanders, no início dos anos 1930. De fato, a primeira denominação organizada e de caráter pentecostal foi a Assembléia de Deus.

¹⁰ FERNANDES, Rogério Armentano. 65 anos: jubileu de ferro. Resumo do Histórico da ADEFS (1938 – 2003). Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Feira de Santana – Ba. 2003, p. 8 - 13.

¹¹ GILLANDERS, Isobel. A história inacabada. Tradução: Lélia V. Fernandes. Feira de Santana. Ed. Planzo. 1990, p. 54.

denominação pentecostal a chegar na cidade, na mesma década dos fundamentalistas, 1930¹².

A crítica aos aspectos mágicos e proféticos do pentecostalismo é mediada por suas características de controle social, expresso por um forte controle normativo, sobre a conduta dos fieis, suas práticas sociais, sua sexualidade. Esta era a postura assembleiana em relação aos seus membros. As doutrinas e costumes tiveram forte impacto na estruturação assembleiana.

As doutrinas são o ensino bíblico normativo, a partir da interpretação bíblica, como regra de fé e prática de vida. Já os costumes estão relacionados a aplicação da doutrina, ou seja, são uma interpretação dela. Portanto, em termos teóricos, deve estar submetido a ela. Traduzem a postura da denominação, confirmando ou comprometendo a sua doutrina. A Assembléia de Deus, em seu cotidiano, deu mais ênfase aos seus costumes, às suas práticas normativas.

O conjunto normativo assembleiano foi bastante representativo para a organização do seu corpo de fieis e, de certa forma, na manutenção de uma coesão e uma unidade interna. Manter a moralidade e práticas cristãs está no cerne do protestantismo. A Assembléia de Deus é uma herdeira disto, no qual a máxima estar no mundo, mas não ser do mundo foi bastante aplicada. O fiel deveria obedecer ao conjunto normativo, expresso nas doutrinas, sob pena de ser disciplinado pelo grupo. A centralidade do texto bíblico e o rigor comportamental eram exigidos. Contudo, o comportamento foi bastante observado pelo grupo, justificando uma necessidade de afastamento do mundo e do que fosse secular. Os fieis que desvirtuassem as normas poderiam sofrer desde uma disciplinarização até ser excluído do rol de membros.

Vivenciar os prazeres mundanos era inadmissível. As punições recaiam aos que desafiassem os mandamentos bíblicos, com ênfase nos prazeres carnis. Beber e fumar eram uma falta grave para o crente. Somava-se a isto atividades sociais com não crentes, práticas esportivas,

¹² Silva, Igor José Trabuco da. “Meu reino não é deste mundo” – A Assembléia de Deus e a participação política em Feira de Santana. Salvador: Ufba, 2009, p. 40.

roupas que julgavam ser indecentes para um crente e pinturas. Portanto, as mulheres quem mais sofriam com as regras disciplinares. As roupas deveriam ser compostas, não mostrar o colo, saias abaixo do joelho, restrição ao uso de calças, cobrir os braços, não cortar os cabelos, não utilizar pinturas, não se depilar. Para os homens era essencial o uso de calças e o corte de cabelo.

A Assembléia de Deus e a normatização dos seus fiéis

As reuniões ordinárias da Assembléia de Deus de Feira de Santana estão registradas em seus *Livros de Ata*. Os anos de 1970 e 1980 trazem, com uma riqueza de detalhes, a vida cotidiana da denominação, sobretudo os anos de 1970. Ao longo da década de oitenta foram realizando registros mais sintetizados e reservados em algumas descrições¹³.

As reuniões eram mensais, ocorriam na sede, localizada em uma área privilegiada de Feira de Santana, próxima ao terminal rodoviário, com intenso fluxo de migrantes. Nas atas são encontradas aspectos recorrentes: descrição dos membros da diretoria presentes em cada encontro, uma mensagem do pastor presidente que geralmente era a leitura de um texto bíblico para refletir a postura da membresia e as práticas religiosas da denominação, a leitura pelo tesoureiro do relatório mensal, as atividades religiosas desenvolvidas pelo grupo, as atividades assistenciais do Centro de Recuperação e do Orfanato¹⁴, o que precisavam adquirir para as congregações ou centros assistenciais, assuntos políticos, como relações e acordos com políticos da cidade, a participação de membros do grupo na política partidária, entre outras.

¹³ Enfocaremos atas do final da década de 1970, pela amplitude da temática e em razão dos limites do número de páginas do artigo.

¹⁴ Atividades assistenciais são comuns no universo religioso. Os pentecostais desenvolveram uma série de atividades assistenciais. Na Assembléia de Deus, em Feira de Santana, o Orfanato da Assembléia de Deus e o Centro de Recuperação Desafio Jovem serviram para acolher crianças e toxicômanos, respectivamente. Membros em potencial à mensagem religiosa da denominação. As práticas assistenciais também possibilitaram contatos com a sociedade circundante e os políticos da região, interessados também no potencial eleitoral dos evangélicos.

Outro assunto tratado nas atas eram os relatórios das comissões de visitas aos “irmãos”, disciplinarizações, expulsões, recebimento de irmãos vindos de outras cidades ou Estados, espaço para relatos dos mesmos, pedidos de reincorporação ao seio do grupo daqueles que haviam sido disciplinados.

Os *Livros de Atas* registram a preocupação com a postura dos fiéis. Disciplinarização, suspensão, exclusão, reconciliação, formação de comissões para visitar fiéis suspeitos de “infração da lei cristã”, afastamento da comunhão com os demais membros e pedido de perdão do fiel admitindo seu “desvio” e solicitando reconciliação com o grupo eram comuns e recorrentes.

Um dos assuntos mais recorrentes, ao se tratar dos costumes assembleianos eram as vestimentas e “ vaidades” femininas. Eram comuns suspensões e até exclusões de irmãs por “pintarem a unha, alterar cabelo e depilar a sobrancelha”¹⁵. Em uma das atas se enfatiza o quanto tais atos são prejudiciais a fé. Tratava-se de uma fiel que estava usando pinturas e calças compridas, ao que se transcreve:

O irmão José Vitor de Santana aproveitando falou que quando tomou a profissão de fé desta moça lá na Congregação do Campo Limpo, alguém o chamou e disse que ela não tinha condições de ser batizada, mas como a Congregação tinha aprovado o batismo ele nada poderia fazer. A seguir o Pastor disse que devemos tomar cuidado com os candidatos ao batismo, que não devemos esconder nada do que sabemos sobre os mesmos, pois assumimos a reponsabilidade sobre o candidato.¹⁶

O trecho da ata elucida bem o que a denominação compreendia como a postura de um crente. O ato de se pintar relacionava-se a um desvio de conduta e moral. Em outra ata encontramos o seguinte relato:

O irmão João José dos Prazeres pediu a palavra para contar a igreja um sonho como despertamento, e foi assim: vi vários pecados na igreja, o que mais me despertou foi: cabelos cortados, sobrancelhas depiladas, unhas pintadas e pernas

¹⁵ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana de 01/09/78.

¹⁶ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana de 02/03/79.

raspadas etc, e o pastor ratificou o assunto, em seguida convidou à igreja para de pé orar, e fez uma calorosa oração¹⁷.

Os trechos apontam para um aspecto crucial na organização assembleiana: um fiel é responsável pelo outro. Isso dava uma outra dimensão ao crente, ou ao leigo, que é o de desempenhar uma função no interior do grupo. O fiel sofria as sanções, mas também era o responsável indireto pela sua aplicação, pois tinha o dever de se manifestar em relação a postura e comportamento de seus irmãos de fé. Era, portanto, um atrativo aos que não tinham espaço e participação social. Contudo, da mesma forma que poderia servir de estímulo à conversão, poderia servir para a exclusão, seja pelas denúncias e apurações das comissões, seja através da entrega de cartas solicitando a própria exclusão.

Entre os homens também se encontram advertências quanto ao não corte de cabelo, no qual o pastor avisa que “se não cortarem o cabelo na próxima ceia não irão participar”¹⁸. Contudo, as disciplinas sobre os homens recaiam mais em outros aspectos. Encontra-se nas atas irmãos que foram suspensos ou excluídos por ter um aparelho de TV, por vender cerveja e cigarro e ter um jogo de dominó na venda, por brigar, jogar bola, por serem suspeitos de estar jogando baralho, por estar fumando e bebendo.¹⁹

As suspensões se estendiam aos que namorassem quem fosse descrente, quem estivesse se envolvendo com outras religiões ou ausentes dos encontros do grupo. Em uma ata, o então pastor Severino Soares lembrou que “aqui é lugar de encontro com Deus, que os nossos caminhos devem ser esquadrinhados e só a Bíblia é toda ferramenta para uma vida”. Ainda afirmou que “a porta para o céu é estreita e por isso devemos negar a nós mesmos para irmos para lá”²⁰.

¹⁷ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana de 28/09/79.

¹⁸ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana de 29/09/78.

¹⁹ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana de: 28/08, 29/09, 03/11/78 e 02/03/79.

²⁰ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana de 30/06/78.

Portanto a manutenção da fé dependia da observação dos costumes da denominação. Costumes estes que não foram rígidos, que modificaram ou chocaram a partir da formação teológica de sua hierarquia religiosa.

Atuação política da Assembléia de Deus

A entrada assembleiana na política partidária estava associada a duas questões: uma de cunho processual, relativo às próprias atividades assistencialistas, já nas primeiras décadas do século XX, e outra com a veiculação de que os evangélicos deveriam votar nos evangélicos, com a Constituinte de 1986.

Na realidade, o modelo de atuação de um político evangélico deve ser a Bíblia Sagrada. Sem rótulos. Sem subordinações inibidoras. É muito fácil identificar as linhas mestras da Palavra de Deus sempre no rumo do amor, da verdade e da justiça social²¹.

A inserção da Assembléia de Deus na política partidária, em Feira de Santana, decorreu das transformações na sociedade, ao golpe militar de 1964, que repercutiu relativamente de forma positiva entre os protestantes por significar, dentre outros fatores, uma perseguição ao comunismo ateu e a possibilidade de concorrência com o catolicismo. Significou uma possibilidade de entrada dos evangélicos no cenário nacional, pois o regime não se opôs aos protestantes, como estes não se opuseram institucionalmente e em bloco. Os evangélicos queriam assegurar sua participação social no cenário brasileiro, em virtude de seu crescimento ascendente.

A política significou uma forma de se destacar e vincular o trabalho eclesiástico, o exercício do poder e a figura do pastor. Mais uma vez destacasse o especialista religioso, que aproveitou de suas relações de

²¹ SYLVESTRE, Josué. Irmão vota em irmão: os Evangélicos, a Constituinte e a Bíblia. Brasília. Pergaminho. 1986, p. 24.

poder, de sua condição “extraordinária” e da situação “extraordinária” para alcançar a via política. A entrada pentecostal na política não oferece uma nova via de ascensão política para o fiel comum, mas apenas para aquele que já se destacou no trabalho eclesial e se tornou pastor²².

A ascensão política não era entre os leigos, mas no interior da hierarquia religiosa, os pastores feirenses encontraram alguma resistência dos fiéis em se eleger, por ser ele o “ordenador do rebanho”, portanto não devendo assumir cargos políticos. Situação modificada na década de 1990, após a Constituição de 1988, em que os pastores passaram a ser os maiores representantes dentre os evangélicos a ocupar cargos políticos. Em Feira de Santana, o pastor da Assembléia de Deus, Severino Soares ocupou uma vaga na Câmara Municipal, em 1994, em virtude da morte do vereador José Martins Vitória, pois era seu suplente²³.

Parte-se da análise que a religião não se separa dos fenômenos sociais. A religião tem desempenhado diferentes papéis conforme o processo histórico. Isto por ser a cultura um elemento central da construção da sociedade, bem como da sua reprodução ou transformação²⁴.

Gerson Gomes da Silva foi o primeiro candidato evangélico da Assembléia de Deus, em Feira de Santana, a ingressar no mundo político. Traçou uma longa carreira política como candidato a vereador, deputado estadual e prefeito em Feira de Santana. Sua atuação política partidária iniciou na década de 1970, no qual assumiu mandatos de vereador, deputado estadual, assessoria ao governo do Estado da Bahia, na figura de João Durval Carneiro. Durante seus mandatos atuou no sentido de beneficiar, sobretudo, as denominações evangélicas.

Outro político assembleiano foi Waldeir dos Santos Pereira. Sua atuação com mandato foi na legislatura de 1982 a 1988, durando dois anos a mais, para as eleições de vereador coincidir com as de prefeito. Terminou sua carreira política como assessor parlamentar de José Ronaldo da Silva.

²² FRESTON, Paul. *Evangélicos na Política Brasileira*. In: *Religião e Sociedade*. RJ. 1992, p. 29.

²³ OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. *Inquilinos da Casa da Cidadania*. Fundação Cultural Egberto Costa. Feira de Santana. 2006, p. 264.

²⁴ HOUTART, François. *Mercado e Religião*. São Paulo. Cortez Editora, 2003, p. 75.

O único pastor da Assembléia de Deus a ocupar um cargo na Câmara Municipal, já na década de 1990, foi Severino Soares, mesmo assim, por via de suplência. Antes dele, o pastor assembleiano, Manoel Joaquim, solicitou afastamento do pastorado, na década de 1950, no intuito de se candidatar, não obtendo êxito.

A atuação político partidária da Assembléia de Deus remonta, portanto, às primeiras décadas do século XX. Em Feira de Santana, a eleição de Gerson Gomes marcou a entrada definitiva da denominação nos assuntos políticos, interferindo e sendo remodelada pela sociedade. A Assembléia de Deus é uma das denominações pentecostais que contam com expressivo número de políticos.

Considerações finais

As relações entre os pentecostais e a sociedade brasileira devem ser melhor analisadas. Muito ainda precisa ser estudado sobre a presença protestante e pentecostal na sociedade e cultura brasileira, contribuindo e reformulando práticas sociais e representações de mundo.

Ao longo de sua atuação na sociedade brasileira a Assembléia de Deus influenciou como foi influenciada. Percebemos isso na mudança de práticas comportamentais, na exigência menor, sobretudo nos grandes centros ao uso de vestimentas específicas e maquiagens para mulheres e a inserção em atividades culturais e esportivas antes impossibilitadas ou limitadas aos irmãos da fé. Afinal, a religião e as formas de religiosidade são elementos da cultura. (Re) formulam-se. Não são estáticas. O desenvolvimento social e urbano contribuiu para o desenvolvimento de novas práticas e ações no seio das manifestações religiosas.

Em termos políticos a Assembléia de Deus é um dos seus principais expoentes. É um dos grupos pentecostais de atuação mais expressiva. O pentecostalismo contribuiu na modelação da cultura brasileira.

Verifica-se um universo religioso, herdeiro do protestantismo e do pentecostalismo nas últimas décadas que representam avanços e retrocessos. Ao mesmo tempo que discutimos uma bancada evangélica conservadora, percebemos práticas entre os evangélicos de inclusão de novas minorias. Assim, o fenômeno religioso, oferta inúmeras possibilidades de estudos da cultura e sociedade.

Fontes

FERNANDES, Rogério Armentano. 65anos: jubileu de ferro. Resumo do Histórico da ADEFS (1938 – 2003). Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Feira de Santana – Ba. 2003.

GILLANDERS, Isobel. A história inacabada. Tradução: Lélia V. Fernandes. Feira de Santana. Ed. Planzo. 1990.

Livros de Atas da Assembléia de Deus.

Referências

ALENCAR, Gedeon. Assembléia de Deus – origem, implantação e militância (1911 – 1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

CONDE, Emílio. História das Assembléia de Deus no Brasil. RJ. CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus). 2 ed. 2000.

CORTEN, André. Os Pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro. Vozes. 1996.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993.

FRESTON, Paul. Evangélicos na Política Brasileira. In: Religião e Sociedade. RJ. 1992

HOUTART, François. Mercado e Religião. São Paulo. Cortez Editora, 2003

NOVAES, Regina Reyes. Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania. RJ. Ed Marco Zero. 1985.

OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. Inquilinos da Casa da Cidadania. Fundação Cultural Egberto Costa. Feira de Santana. 2006

OLIVEIRA, Marco Davi de. A religião mais negra do Brasil: por que mais de oito milhões de negros são pentecostais. São Paulo. Mundo Cristão. 2004.

Silva, Igor José Trabuco da. “Meu reino não é deste mundo” – A Assembléia de Deus e a participação política em Feira de Santana. Salvador: Ufba, 2009.

SYLVESTRE, Josué. Irmão vota em irmão: os Evangélicos, a Constituinte e a Bíblia. Brasília. Pergaminho. 1986.